

STROMBOLI - TERRA DI DIO / 1950

(*Stromboli*)

um filme de Roberto Rossellini

Realização: Roberto Rossellini / **Argumento:** Roberto Rossellini, Art Kohn, Sergio Amidei, Gianpaolo Callegari e Renzo Cesana, baseado numa história original do Padre Felix Marlion / **Fotografia:** Otello Martelli / **Música:** Renzo Rossellini / **Montagem:** Iolanda Benvenuti / **Interpretação:** Ingrid Bergman (Karin), Mario Vitale (Antonio), Renzo Cesana (o Padre), Mario Spanza (o guarda do farol) e o povo da ilha de Stromboli.

Produção: Roberto Rossellini / **Cópia:** DCP, preto e branco, versão italiana, legendado em português, 100 minutos / **Estreia Mundial:** Fevereiro de 1950 / **Estreia em Portugal:** Cinema Politeama, a 23 de Novembro de 1950.

Para se perceber os *hasards* deste filme tem que se começar pelo primeiro: Ingrid Bergman.

A história é muito conhecida, Ingrid contou-a em pormenor nas suas célebres memórias ("My Life"), Rossellini também, e por isso a vou resumir. Foi por acaso - segundo ela jurou - que Ingrid Bergman, em 1948 a mais famosa e bem paga vedeta do mundo (é célebre a anedota hollywoodiana que refere como lugar-comum das conversas dos anos 40 "*hoje vi um filme sem Ingrid Bergman*") entrou numa sala de cinema, para ver um filme de que nunca tinha ouvido falar: **Roma, Città Aperta**. O que viu maravilhou-a, pois que - Ingrid *dixit* - "*nunca na minha vida tinha visto um filme assim, nem imaginava que os pudesse haver*". Voltou e voltou ao cineminha de bairro que projectava o filme de Rossellini, já "velho" de três anos. E amadureceu a decisão: escrever uma carta a Roberto Rossellini - Cinecittà - Roma - Itália, oferecendo-se para trabalhar com ele, fossem quais fossem as condições.

Este simples acontecimento marca uma revolução na história do cinema e na história de Hollywood. A mais célebre das *stars* - em percurso inverso ao de Greta Garbo, Marlene Dietrich, Vivien Leigh ou tantas outras - estava disposta a trocar a capital do cinema pela Europa e - mais do que isso - achava que se faziam melhores filmes na Europa do que em Hollywood. Vinte anos antes, Louise Brooks achara o mesmo e trocara Hollywood pela **Lulu** de Pabst. Mas este teve que insistir e Louise era um "bicho" muito raro e muito rebelde (aliás, pagou com a carreira essa rebeldia). Além disso, o cinema alemão de 28 tinha reputação comparável ao americano que, por isso mesmo, lhe roubou, um a um, todos os grandes (Lubitsch, Murnau, Leni, Jannings, Marlene e dezenas de outros). Ingrid Bergman era tudo menos rebelde (ou não tinha imagem de o ser) estava instalada em pleno *star system* (no alto do firmamento) e a crítica americana tratava sobranceiramente o incipiente cinema italiano dito "neo-realista". Que o símbolo de Hollywood caísse aos pés do símbolo do neo-realismo (**Roma**, não Rossellini) é que era a revolução de que falei.

A carta de Ingrid chegou às mãos de Rossellini a 8 de Maio de 1948, dia em que o realizador festejava o seu 42º aniversário. Apesar do prestígio de Rossellini na Europa, apesar do êxito de filmes como **Roma** ou **Paisà**, o cineasta não acreditou no que lia. E julgou tratar-se de uma brincadeira de alguém decidido a ver até onde chegava a mania das grandezas dele. Nem respondeu.

Mas Ingrid insistiu e Rossellini acreditou mesmo. Foi até à América. Quando os estúdios perceberam o que se podia passar, usaram o velho ditado que manda juntarmo-nos aos que não podem ser vencidos. Roberto podia dirigir Ingrid mas em Hollywood, num filme aprovado por Hollywood. Isso era exactamente o que nem um nem outro queriam. E, em 49, sem dizer água vai (ou disse-o de outra maneira) Ingrid Bergman voou de Londres, onde filmara sob a direcção de Hitchcock **Under Capricorn** (que detestou) para aterrar em Roma e daí partir para a Ilha de Stromboli para filmar em

décors naturais (o que jamais lhe havia sucedido) uma história escrita por muitos e mais ou menos em borrão.

O resto é conhecido. Ingrid apaixonou-se também por Rossellini e começou a viver com ele, ainda formalmente casada com o médico sueco que fora o seu primeiro marido. A escandaleira que isso deu só em parte foi ditada pelo romance heterodoxo (muitos houve antes, que os estúdios calavam, como tantos outros). A grande razão é que Hollywood não perdoou essa fuga e resolveu ter muito menos *fair play* do que teve - ao que parece - o marido "enganado". Era preciso que Ingrid fosse esmagada e que o filme fosse um fiasco.

Quando **Stromboli** se estreou (distribuído pela RKO) e amputado e remontado, houve o fiasco. "*When things get dull, they throw in a little sex*" escreveu um reputado crítico americano da época. A frase valia mais para o que Hollywood fizera do que para o filme (com muito pouco sexo) e que não era o "*20 minute travelogue of Stromboli in an 89 minute film*", como também se escreveu. E Bosley Crowther no "New York Times" advertia os leitores que "*the much discussed **Stromboli** is neither good Bergman, good Rossellini, nor good anything*". E muitos anos passaram até que alguns *happy few* descobrissem a beleza desta obra, muitos anos avançada em relação à sua época, e que, ainda por cima, nada tinha de "neo-realista" no sentido usual do termo.

Mas uns dos aspectos mais curiosos deste filme - para mim - é ver como Ingrid Bergman - menos "maquilhada" do que nunca, e jamais o fora muito - sem actores a seu lado capazes de lhe darem réplica (Mario Vitale ou Renzo Cesana, eram actores de secundaríssimo plano) e rodeada de povo, povo (não actores) manteve uma imagem que, para mim, é já a dos seus filmes de Hollywood. Sempre ela me pareceu como tanto escrevi (e pensem em **Intermezzo**, em **Gaslight**, em **Spellbound** em **Notorious** ou em **Under Capricorn**) a permanente estrangeira que misturava à sua doçura a capacidade de ser a misteriosa detonadora das forças do mal. Parecia atrair masoquisticamente esse mal que chegava mais para desgraça dela do que dos outros. Ora, **Stromboli**, aparte muitas outras coisas e já lá vou, é isso mesmo: a mulher que vem doutro mundo (o campo de raparigas, a Checoslováquia) e, ao casar com Antonio e entrar em Stromboli, desencadeia não só a hostilidade popular (compreensível face à estrangeira) mas o oculto movimento das forças subterrâneas - acompanhando, imperceptivelmente o que se passa nos subterrâneos dela - até à explosão final, em todos os sentidos da palavra. Paradoxalmente, quando Rossellini julgou revelar ao mundo uma nova Ingrid Bergman, surgiu quanto a mim, o paradigma de tudo quanto Hollywood antes, nela, deixara entrever. E **Stromboli** é um filme sobre a progressão da auto-destruição de Karin-Ingrid, um filme em que, ao contrário do "*nada se passa*" que a crítica da época acentuava, tudo se passa no interior de Karin, num processo ditado não por acontecimentos mas por actos, que sinalizam tanto o conflito que opõe Karin ao espaço envolvente, como a metamorfose interior, jamais explicitada, da personagem. Estamos em pleno universo rosselliniano: "*universo de actos puros, insignificantes por si próprios, mas preparando, mesmo a despeito de Deus, a súbita e maravilhosa revelação do seu sentido*" (Bazin).

Este filme, duma beleza alucinante, é um filme sobre o cosmos. Os **três elementos - terra, água e fogo** - que dominam a obra, marcam, mais do que a hostilidade dos habitantes da ilha, a separação e desarmonia de Karin, a mulher que não sabe o significado da palavra terra ("*como se diz terra em inglês?*") que cai na água, na única sequência em que entra no mar, e sobre a qual desaba o fogo do vulcão, cuja erupção começa exactamente quando ela acende o fogão da sua casa.

Rejeitada pelo espaço físico e humano, Karin só na espantosa sequência final, quando redescobre, ao mesmo tempo, as lágrimas e a maravilha do mundo (*what beauty!*), é capaz de clamar e invocar "*Deixei que se aproximassem de mim os que não me interrogavam e deixei que me encontrassem os que não me procuravam*". A epígrafe de Isaías que antecede o filme assume, nesse momento, a sua plena significação.

Stromboli é o poema da criação.

JOÃO BÉNARD DA COSTA

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico